

ANÁLISE DA LINGUAGEM VERBO-VISUAL DE CAPA DE REVISTA: UMA PROPOSTA DE LEITURA BAKHTINIANA

Miriam Bauab PUZZO

Edmilson Arlindo LACERDA

Universidade de Taubaté - UNITAU

Resumo: Este artigo analisa a linguagem verbo-visual de capa de revista como gênero discursivo e tem por objetivo observar os efeitos de sentido que propiciam, considerando o leitor presumido da revista. A teoria que fundamenta a análise é a teoria dialógica da linguagem de Bakhtin e do Círculo que fornece categorias para análise da linguagem dos gêneros discursivos, tais como tema, forma composicional e estilo. Do ponto de vista da linguagem visual as pesquisas de Dondis e Guimarães fornecem elementos para interpretar tais recursos no enunciado concreto da capa. Para cumprir essa proposta, foi selecionada a capa da revista *Veja*, Edição Especial 2.244, ano 47, nº 17 de 24/03/2014. A análise demonstra que a capa responde ao público presumido da revista e ao mesmo tempo responde à interpretação dos fatos do ponto de vista do posicionamento ideológico da empresa de comunicação. Espera-se com a análise deste exemplar contribuir para promover a leitura de modo mais produtivo e crítico.

Palavras-chave: Linguagem verbo-visual. Capa de revista. Dialogismo. Gênero discursivo. Leitor presumido.

ANALYSIS OF VERBAL VISUAL LANGUAGE OF MAGAZINE COVER: A PROPOSAL OF BAKHTIN'S READING

Abstract: This paper analyzes the verbal-visual language of magazine covers as a discursive genre and it aims to observe the effects of meaning that they provide, considering the presumed reader to that magazine. The theoretical foundation to the analysis is the dialogical theory of language by Bakhtin and from the Circle that provides categories for analysis of the language of genre, as for example, the theme, the compositional form and the style. The research by Dondis and Guimarães provides elements to interpret such traits of concrete statement on the magazine covers in terms of visual languages. It was selected the cover of "Veja" magazine, Special Issue 2244, year 47, number 17, on March 24rd, 2014, to accomplish the proposal of this paper. The analysis shows that the cover of the magazine responds to the presumed audience and at the same time, it responds to the interpretation of the facts inside the ideological point of view of that communication company. It is hoped that the analysis of this exemplary can help to promote more productive and critical reading.

Keywords: Verbal visual language. Magazine cover. Dialogism. Discursive genre. Supposed reader.

ANÁLISIS DEL LENGUAJE VERBO-VISUAL DE TAPA DE REVISTA: UNA PROPUESTA DE LECTURA BAJTINIANA

Resumen: Esta investigación analiza el lenguaje verbo-visual del género discursivo portada de revista y objetivase en observar los efectos de sentido que propician, considerando el lector presumido. La teoría que fundamenta el análisis es la teoría dialógica de lenguaje de Bajtin y del Círculo que ofrecen categorías para análisis del lenguaje de los géneros discursivos, como tema, forma composicional y estilo. Hacia una perspectiva del lenguaje visual, las investigaciones de Dondis e Guimarães ofrecen elementos para interpretar recursos en el enunciado concreto de la portada de revista. Para que se cumpla esa propuesta, fue seleccionada la portada de revista *Veja*, Edición Especial, 2.244, año 47, nº17 de 24/03/2014. El análisis demuestra que la portada de revista responde a la audiencia presumida y, al tiempo, responde a la interpretación de los hechos vistos desde un punto del posicionamiento ideológico de la empresa de comunicación. Esperase que el análisis de este ejemplar contribuya para que se promueva la lectura de manera más productiva y crítica.

Palabras clave: Lenguaje verbo-visual. Portada de revista. Dialogismo. Género discursivo. Lector presumido.

INTRODUÇÃO

Este artigo estuda a relação dialógica dos elementos verbo-visuais do gênero discursivo capa de revista e a influência desses elementos para a construção do sentido buscando entender como os fatos apresentados nas capas são articulados de modo a criarem efeitos de sentido. Para isso, objetiva-se verificar a função das relações dialógicas entre a linguagem verbal e não verbal e interpretar a linguagem verbo-visual como forma de materialização da ideologia do enunciadore. Como *corpus*, foi selecionada a capa da Revista *Veja*, Edição Especial 2.244, ano 47, nº 17 de 24/03/2014 que trata de um fato importante do ponto de vista político-econômico: a crise do petróleo no governo Dilma. Primeiramente, apresenta-se a teoria para o embasamento da análise e a seguir analisa-se a capa como gênero discursivo, produzido por uma equipe editorial que expressa o ponto de vista da empresa. Além disso, procura-se desenredar os possíveis sentidos que perpassam pela materialidade verbo-visual. Por fim, chega-se à conclusão da importância da leitura da linguagem verbo-visual para compreender os sentidos valorativos que se expressam na capa. Como referencial teórico, Bakhtin e o Círculo

forneceram conceitos fundamentais sobre a dialogia constitutiva da linguagem, tais como o conceito de enunciado/enunciado concreto/enunciação, de gênero discursivo, de relações dialógicas e de ideologia. Também foram de significativa importância os textos dos intérpretes da teoria bakhtiniana, bem como os escritos de pesquisadores da linguagem visual, tais como Dondis (2003) e Guimarães (2004). Como resultado, verificou-se como se dão as relações dialógicas de sentido na linguagem verbo-visual das capas de revista e a influência do enunciado concreto na formação ideológica do leitor. Por fim, destacaram-se tópicos que indicam a atualidade e relevância dos conceitos bakhtinianos não só para os estudos literários, mas também para o estudo de textos midiáticos, assim como as capas de revista. Para compreender melhor o movimento interpretativo deste enunciado de capa, é preciso explicitar os conceitos teóricos que embasam a análise para, a seguir, deter o olhar sobre o objeto de pesquisa. Desse modo, o presente artigo organiza-se da seguinte forma: revisão teórica sobre as categorias de análise bakhtinianas, especificamente as de enunciado/enunciado concreto/enunciação, signo ideológico e gêneros discursivos; análise da capa da revista *Veja* por meio da aplicação das categorias de análise mencionadas e, por fim, considerações finais.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Utilizou-se a teoria dialógica da linguagem proposta por Bakhtin e os membros do Círculo, Medviédev (2012) e Volochínov (2013) e de teóricos contemporâneos seguidores do pensamento bakhtiniano, tais como Brait (2014), ao tratar da verbo-visualidade, e Puzzo (2009), ao tratar sobre as capas de revista. Considera-se também as exigências dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) para o ensino de Língua Portuguesa no que diz respeito ao estudo dos gêneros discursivos em sala de aula.

É inviável analisar gêneros discursivos sem antes compreender termos como enunciado/enunciado concreto/enunciação, signo ideológico, gêneros discursivos, além de outros conceitos bakhtinianos relevantes. Sendo assim, este artigo propõe-se a realizar uma revisão teórica somente sobre os conceitos citados, por estarem mais diretamente relacionados aos objetivos desta pesquisa.

1.1. ENUNCIADO/ENUNCIADO CONCRETO/ENUNCIÇÃO

Para Bakhtin e os membros do Círculo, toda comunicação humana é marcada por um dialogismo entre falante/ouvinte, tornando-se um processo de interação “ativa”. Isso acontece porque o ouvinte, durante o processo de interação comunicativa, ao perceber o significado do discurso do falante acaba por manifestar uma postura ativa de resposta, o que Bakhtin denomina de circuito de responsabilidade. A esse respeito, comenta:

... toda compreensão plena real é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta (seja qual for a forma em que se dê). O próprio falante está determinado precisamente a essa compreensão ativamente responsiva: ele não espera uma compreensão passiva, por assim dizer, que apenas dobre o seu pensamento em voz alheia, mas uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução, etc. (BAKHTIN, 2011, p. 272)

Bakhtin (2011) enfatiza o papel ativo de interação entre os envolvidos no processo comunicativo, daí o caráter dialógico da linguagem. Isto é, a comunicação é um processo de interação por excelência. Essa interação prescinde o diálogo face a face porque o destinatário já é presumido no próprio ato de enunciação. Desse modo, a relação eu/outro no processo comunicativo torna-se fundamental para a construção do discurso, já que este só pode ser pensado como resposta e, para que isso aconteça, deve-se considerar a relação eu/falante e outro/ouvinte-responsivo. Sendo assim, todo discurso pertence a um sujeito, isto é, ao sujeito do discurso envolvido no processo de interação ativa com um leitor pressuposto, em dada situação comunicativa. Entretanto, faz-se necessário neste momento compreender como acontece esse processo de interação ativa entre os sujeitos do discurso, ou melhor, como se manifestam efetivamente durante o processo comunicativo os discursos desses sujeitos? Como resposta, Bakhtin aborda a relação estreita existente entre discurso e enunciado, demonstrando assim a necessidade de se compreender o discurso não como elemento linguístico, mas sim como parte de um processo enunciativo. Desse modo, o filósofo linguista faz a seguinte consideração:

... o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir. (BAKHTIN, 2011, p. 274)

A partir dessa breve revisão sobre a concepção constitutivamente dupla da linguagem, percebe-se a importância da relação eu/outro para a construção do discurso e do sentido do enunciado. Este não pode ser compreendido isoladamente, mas sim como resultado de uma resposta ativa dos sujeitos do discurso, sujeitos estes dotados de diferentes saberes, opiniões, experiências e que, além disso, não foi o primeiro a romper o eterno silêncio do universo, isto é, o discurso desses sujeitos pertence à cadeia discursiva, já que seus enunciados contam com a presença de enunciados anteriores tanto seus quanto alheios, bem como funcionam como respostas aos enunciados já proferidos. Machado (2014), ao interpretar o texto de Bakhtin sobre o papel do falante como contestador em potencial visto a sua atitude ser sempre uma resposta ativa, tece a seguinte consideração:

... ele não é o primeiro falante que interrompeu pela primeira vez o eterno silêncio do universo; ele não apenas pressupõe a existência do sistema da língua que utiliza como conta com a presença de certos enunciados anteriores, seus e alheios, com os quais estabelece todo tipo de relação (se apoia neles para problematizá-los ou simplesmente os supõe conhecidos de seus ouvintes). Todo enunciado é um elo na cadeia, muito complexamente organizada, de outros enunciados. (MACHADO, 2014, p. 157)

Em certas correntes teóricas, enunciado pode corresponder à frase ou a sequências de frases; já em outras, pode até mesmo ser analisado fora de seu contexto comunicativo. Como expressam Brait e Melo (2014):

Grosso modo, é possível dizer que *enunciado*, em certas teorias, equivale à frase ou sequências frasais. Em outras, entretanto, que assumem um ponto de vista pragmático, o termo e consequentemente o conceito por ele gerado são utilizados em oposição à frase, unidade entendida como modelo, como uma sequência de palavras organizadas segundo a sintaxe e, portanto, passível de ser analisada “fora de contexto”. (BRAIT; MELO, 2014, p. 63)

Entretanto, *enunciado*, na perspectiva bakhtiniana, vai além do elemento verbal, pois considera a interação entre *enunciado* e contexto comunicativo. “O enunciado implica muito mais do que aquilo que está *incluído* dentro dos fatores estritamente lingüísticos, o que, vale dizer, solicita um olhar para outros elementos que o constituem” (BRAIT; MELO, 2014, p. 67).

No texto *Discurso na vida e discurso na arte – sobre poética sociológica*, datado de 1926, Volochínov (2013), ao tratar sobre o contexto extraverbal do enunciado, analisa a questão valendo-se de um exemplo intencionalmente simplificado. Tal exemplo consiste na seguinte situação comunicativa: duas pessoas sentadas numa sala, ambas em silêncio, quando de repente uma delas diz “Bem”. Entretanto, a outra pessoa não expressa nenhuma resposta. A partir desse exemplo, o texto tece comentários sobre a significação do enunciado. Este, para alguém situado fora desse contexto comunicativo, não apresentaria nenhum significado, sendo um enunciado ininteligível. Contudo, para os falantes inseridos nesse contexto comunicativo, essa única palavra passaria a apresentar sentido. Sendo assim, o texto aborda a questão do contexto extraverbal, imprescindível para a compreensão do enunciado. Desse modo, encontra-se no texto a seguinte passagem:

Nos falta, justamente, aquele *contexto extraverbal* no qual a palavra “Bem” apresenta um sentido para quem ouve. Esse *contexto extraverbal* da enunciação se compõe de três aspectos: 1) “o horizonte espacial compartilhado por ambos os falantes (a unidade do visível – neste caso, a sala, a janela, etc.), 2) o conhecimento e a compreensão comum da situação igualmente compartilhada pelos dois e 3) a valoração compartilhada pelos dois, desta situação” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 78).

O *enunciado* resulta da interação entre linguagem e contexto. Portanto, palavras, frases e textos só serão enunciados se contextualizados. Caso contrário, transmitirão sentidos neutros nada reveladores do real sentido de seu contexto original de produção. O *enunciado* possui autor e destinatário, pois é produzido por alguém (autor) que visa comunicar-se com outro alguém (destinatário). Segundo Bakhtin (2011), o que diferencia o enunciado das palavras e orações disponíveis pelo sistema da língua é justamente a presença do autor e do destinatário. É a partir da relação estabelecida entre esses dois elementos que o enunciado é construído. A representação e influência do destinatário sobre o autor faz com que este molde seu enunciado tanto no conteúdo temático quanto na forma composicional e no estilo. A esse respeito, expressa o filósofo da linguagem:

Um traço essencial (constitutivo) do enunciado é o seu *direcionamento* a alguém, o seu *endereçamento*. À diferença das unidades significativas da língua – palavras e orações -, que são impessoais, de ninguém e a ninguém estão endereçadas, o enunciado tem autor (e, respectivamente, expressão, do que já falamos) e destinatário. (BAKHTIN, 2011, p. 301)

Brait e Melo (2014), ao interpretarem a teoria bakhtiniana, consideram:

... um outro índice substancial do enunciado é o fato de *dirigir-se* a alguém, de estar voltado *para o destinatário*. Nesse sentido, o enunciado tem autor e necessariamente destinatário. Esse destinatário tem várias faces, vários perfis, várias dimensões. Pode ser o parceiro ou interlocutor direto do diálogo na vida cotidiana: o destinatário concreto. (BRAIT; MELO, 2014, p. 71)

Assim, autor/destinatário são constituintes básicos do enunciado. Além disso, o estudo sobre esses elementos deve considerar o contexto pragmático, visto que os elementos linguísticos tornam-se enunciados quando relacionados ao contexto social de produção.

Conceitos como *enunciado/enunciado concreto* estão de tal forma imbricados que fazer uma distinção conceitual desses termos não seria uma tarefa simples. Isto é, o estudo do enunciado pressupõe o estudo do *enunciado concreto*, já o estudo deste não se realiza sem o estudo daquele. Isto porque o enunciado é o resultado da interação entre linguagem e contexto. Volochínov comenta:

A particularidade das enunciações da vida cotidiana consiste em que elas, mediante milhares de fios, entrelaçam-se com o contexto extraverbal da vida e, ao serem separadas deste, perdem quase por completo seu sentido: quem desconhece seu contexto vital mais próximo não as entenderá. (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 80)

Puzzo (2009), no artigo *A linguagem verbo-visual das capas de revista e os implícitos na constituição de sentido*, retomando a teoria bakhtiniana, comenta que, para Bakhtin, o enunciado concreto é

um evento que emerge no *continuum* discursivo, encontra-se intimamente ligado ao passado e ao futuro. Sendo assim, é possível considerar os possíveis fios que se ligam ao contexto sócio-histórico passado e sua projeção para o futuro. (PUZZO, 2009, p. 130)

O contexto extraverbal é fundamental na composição do enunciado e deve ser considerado no estudo dos *enunciados concretos*. Além disso, os enunciados relacionam-se ao passado e ao futuro porque se realizam como respostas a enunciados anteriores e porque

geram outros enunciados como respostas a eles. É por isso que os *enunciados concretos* emergem do “*continuum* discursivo” e são o espaço de interação entre autor/leitor e contexto.

Outro importante conceito bakhtiniano é o de *enunciação*. De acordo com a teoria dialógica, *enunciado/enunciado concreto/enunciação* são noções implicadas, relacionadas intimamente com a situação comunicativa, contexto e história de produção discursiva. Para Bakhtin e os membros do Círculo, é a *enunciação* que torna o *enunciado/enunciado concreto* reais. A *enunciação* é, portanto, o momento exato de produção discursiva, momento este único e irrepetível. Assim, a cada manifestação de um enunciado ocorre uma nova *enunciação*. Esta só pode se dar no processo de interação social, “a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 116). Além disso, como as enunciações são resultados de situações reais, elas não se prestam à gramaticalização. A enunciação, numa perspectiva bakhtiniana, passa a ser uma unidade real de comunicação.

1.2. SIGNO IDEOLÓGICO

Em linguística, *signo* define-se por meio das relações entre os signos. É a forma de apreensão do mundo possibilitada pelos recursos linguísticos de um idioma. Entretanto, os signos organizam-se socialmente e não só no interior do sistema linguístico. Assim, é não só elemento linguístico, mas qualquer objeto do mundo dotado de significação social. Bakhtin/Volochínov em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2014) tratam dessa questão ao apresentar como exemplo a foice e o martelo, emblema da União Soviética. Para os autores, tais instrumentos não possuem sentidos específicos, somente a função que cada um desempenha. Contudo, ao se tornarem parte do emblema soviético, passaram a representar mais do que sua função, tornando-se signos ideológicos. Segundo os autores,

Os signos também são objetos naturais, específicos, e, como vimos, todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode tornar-se signo e adquirir, assim, um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades. Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 32)

Miotello (2014), interpretando a teoria, faz o seguinte comentário:

Objetos materiais do mundo recebem função no conjunto da vida social, advindos de um grupo organizado no decorrer de suas relações sociais, e passam a significar além de suas próprias particularidades materiais. Uma camiseta na qual se pinta um escudo de um time de futebol é muito mais que uma camiseta. E se for assinada pelo craque de futebol que a usa, incorpora mais valor ainda. Temos aqui o que Bakhtin chama de signo. (MIOTELLO, 2014, p. 170)

A *ideologia* define-se como tomada de posição, de ponto de vista do enunciador durante suas interpretações da realidade social. “Dito isso, se poderia caracterizar ideologia, da perspectiva bakhtiniana, como a expressão, a organização e a regulação das relações histórico-materiais dos homens” (MIOTELLO, 2014, p. 171). Assim, entende-se *ideologia* como uma tomada de posição ativa. O indivíduo assume um “lugar valorativo” por meio de uma *atitude responsiva*.

Já o *signo ideológico* é dotado de sentido físico-material, sócio-histórico e “ponto de vista”. O sentido físico-material é a parte perceptível do signo; o sentido sócio-histórico corresponde ao significado social que lhe é conferido e o “ponto de vista” à tomada de posição do enunciador/destinatário em suas interpretações *responsivas*.

Miotello diz:

E todo signo, além dessa dupla materialidade, no sentido físico-material e no sentido sócio-histórico, ainda recebe um “ponto de vista”, pois representa a realidade a partir de um lugar valorativo, revelando-a como verdadeira ou falsa, boa ou má, positiva ou negativa, o que faz o signo coincidir com o domínio do ideológico. Logo, todo signo é ideológico. (MIOTELLO, 2014, p. 170)

O *signo ideológico* encontra na linguagem lugar privilegiado para sua manifestação, conforme afirma Miotello:

E seu lugar de constituição e materialização é na comunicação incessante que se dá nos grupos organizados ao redor de todas as esferas das atividades humanas. E o campo privilegiado de comunicação contínua se dá na interação verbal, o que constitui a linguagem como o lugar mais claro e completo da materialização do fenômeno ideológico. (MIOTELLO, 2014, p. 170)

Para a teoria dialógica, *signo* e *ideologia* mantêm relações estreitas no processo de constituição da linguagem. Conforme Bakhtin/Voloshinov (2014), “tudo que é ideológico é um *signo*. Sem signos não existe ideologia” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 31).

Importante é a necessidade do trabalho sério com a linguagem, pois dominar a língua é não só saber seus códigos e normas, mas interpretá-la além da superfície textual. O leitor deve buscar as camadas profundas dos signos linguísticos e empregar as normas da língua como subsídios para suas interpretações. Por isso, a importância do trabalho ético e responsável com a linguagem. Bakhtin, em seu ensaio datado dos anos 20, *Para uma filosofia do ato responsável* (2010), discute a questão da responsabilidade ética do artista. Entretanto, suas reflexões podem estender-se a toda manifestação humana que tenha por objetivo a comunicação social. Ampliando essa concepção de responsabilidade, tanto o produtor do texto quanto seu intérprete devem se responsabilizar pelos seus atos comunicativos. Ler é um compromisso que se estabelece com o enunciador e com o enunciado, principalmente quando a função do intérprete está ligada à educação.

1.3. GÊNERO DISCURSIVO

Sobre o trabalho com gêneros discursivos, os PCN de Língua Portuguesa (1998) comentam:

Cabe, portanto, à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los. Isso inclui os textos das diferentes disciplinas, com os quais o aluno se defronta sistematicamente no cotidiano escolar e, mesmo assim, não consegue manejar, pois não há um trabalho planejado com essa finalidade. (BRASIL, 1998, p. 32)

Contudo, como realizar esse trabalho? Como resposta, deve-se retomar outro importante conceito bakhtiniano: o *gênero discursivo*.

Para Bakhtin e o Círculo, *gêneros discursivos* são tipos de enunciados *relativamente estáveis* que circulam em diferentes contextos sociais da comunicação humana apresentando características específicas conforme sua esfera de circulação. Antes de Bakhtin formular sua

teoria sobre os gêneros discursivos, Medviédev em *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica* (2012) já conceituava o gênero discursivo na esfera da comunicação cotidiana, embora seu objetivo fosse discutir o gênero na esfera literária. Assim se pronuncia o autor:

O tato discursivo possui um poder muito grande de geração de formas e de organização. Ele forma os enunciados cotidianos, determinando o estilo e os gêneros das apresentações discursivas. O tato deve ser entendido, nesse caso, de forma ampla, incluindo as boas maneiras apenas como um de seus aspectos. (MEDVIÉDEV, 2012, p. 154)

Bakhtin desenvolve esse conceito, ampliando-o a todas as formas de comunicação. Assim, parte do princípio unificador do gênero que é o tema para depois destacar os outros elementos de sua composição além do conteúdo temático, da forma composicional e do estilo. Em sua obra *Estética da criação verbal*, o filósofo russo considera:

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 2011, p. 261-262)

O conteúdo temático diz respeito ao todo enunciativo. Desse modo, o *tema* torna-se indissociável da enunciação. Assim, a compreensão do tema de um enunciado vai além da simples significação das palavras que o constituem. A compreensão do conteúdo temático leva em consideração também os elementos extraverbiais situados em determinado contexto de produção, bem como as condições de produção, recepção e circulação. Além disso, o tema do enunciado é sempre concreto, histórico e irrepetível. Na obra *A construção da enunciação e outros ensaios*, uma coletânea de ensaios escritos entre 1925 e 1930, Volochínov (2013) já estabelece a diferença entre tema e sentido, demonstrando que o tema de um enunciado é irrepetível porque o contexto de produção e seus interlocutores, ainda que sejam os mesmos, encontram-se em um contexto diferente. Também em *Marxismo e filosofia da linguagem*

(2014), Bakhtin/Voloshinov discutem essa questão no capítulo intitulado “Tema e significação na língua”, estabelecendo a diferença entre ambos os termos. Assim:

... o tema de uma enunciação é determinado não só pelas formas linguísticas que entram na composição (...) mas igualmente pelos elementos não verbais da situação. (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2014, p. 133)

Para Bakhtin/Voloshinov, “o tema da enunciação é na verdade, assim como a própria enunciação, individual e não reiterável” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2014, p. 133). Ele é renovado e modificado a cada construção discursiva, sendo sempre concreto e situado historicamente. Dessa forma, “o tema é um sistema de signos dinâmico e complexo, que procura adaptar-se adequadamente às condições de um dado momento da evolução.” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2014, p. 134). A partir da noção de tema apresentada pelos membros do Círculo, Cereja (2014), em seu texto *Significação e tema*, interpreta a teoria, fazendo as seguintes considerações sobre o que seja tema na concepção bakhtiniana:

... o *tema* é indissociável da enunciação, pois, assim como esta, é a expressão de uma situação histórica concreta. Como decorrência, é único e irrepetível. Participam da construção do tema não apenas os elementos estáveis da significação mas também os elementos extraverbais, que integram a situação de produção, de recepção e de circulação. Dessa forma, o instável e o inusitado de cada enunciação se somam à significação, dando origem ao tema, resultado final e global do processo da construção de sentido. (CEREJA, 2014, p. 202)

Na perspectiva bakhtiniana, o *tema* é o resultado final de um processo enunciativo ocorrido num dado momento histórico, numa situação comunicativa específica, entre enunciador e destinatário específicos num contexto determinado. O *tema*, portanto, não se encontra no puro significado das palavras pertencentes ao enunciado, já que estas são sempre estáveis em sua significação, mas sim em um processo concreto, histórico e dinâmico. A fim de melhor explicar tal conceito bakhtiniano, Cereja cita o seguinte exemplo:

Quando um professor, por exemplo, a poucos minutos do sinal, pergunta à classe “Que horas são?”, pode desejar saber quantos minutos ele ainda tem para desenvolver a matéria; uma criança que adentra a cozinha e faz a mesma pergunta à mãe, enquanto esta termina de preparar o almoço, pode querer saber se o almoço está pronto; a mesma enunciação poderá

ter o sentido de “Está na hora de irmos embora?”, se um colega faz a pergunta a outro num banco, ao final do expediente. (CEREJA, 2014, p. 202)

Como se percebe, o significado da pergunta “Que horas são?” é o mesmo em todas as suas ocorrências. Contudo, em cada ocorrência há um contexto específico de produção dessa mesma frase, isto é, a mesma pergunta quando realizada em uma sala de aula por um professor possui sentido diferente de quando produzida por uma criança ou por um colega de trabalho no final do expediente. Isso acontece porque, em cada situação comunicativa, os produtores, os receptores, o contexto extraverbal, bem como a intenção comunicativa foram específicos. Dessa forma, o *tema* presente na pergunta “Que horas são?” não é simplesmente a compreensão do significado de cada palavra constituinte dessa frase, mas sim a compreensão de todo o contexto enunciativo que a envolve. Desse modo, saber a situação de produção de determinado gênero, seu contexto histórico e social, sua intenção comunicativa, seus receptores, bem como sua esfera de circulação são aspectos importantes para o conhecimento do *tema* presente no gênero, e não somente o significado dos elementos verbais nele presentes.

Outro aspecto importante da teoria bakhtiniana é o *estilo*. Este se refere ao acabamento que o autor dá ao texto antes deste chegar ao leitor/ouvinte. Sendo assim, o *estilo* encontra-se inseparável dos gêneros discursivos. Desse modo, um gênero discursivo encontra-se carregado de traços estilísticos genéricos e individuais. Isto é, um determinado gênero do discurso carrega marcas de estilo características de todos os textos pertencentes ao mesmo gênero, mas também marcas de estilo individual de quem o fala ou escreve. Entretanto, deve-se levar em consideração que nem todos os gêneros são igualmente propícios à presença do estilo individual. Bakhtin considera:

Todo estilo está indissolúvelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso. Todo enunciado – oral e escrito, primário e secundário e também em qualquer campo da comunicação discursiva [...] é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual. Entretanto, nem todos os gêneros são igualmente propícios a tal reflexo da individualidade do falante na linguagem do enunciado, ou seja, ao estilo individual. (BAKHTIN, 2011, p. 265)

Brait, ao tratar sobre o estilo individual dos gêneros na perspectiva bakhtiniana, diz:

Bakhtin afirma que nem todos os gêneros são igualmente propícios ao estilo individual: os mais propícios são os literários, na medida em que o estilo individual faz parte do empreendimento enunciativo. Os menos favoráveis são os gêneros do discurso que, na comunicação cotidiana, requerem forma padronizada, como acontece com a formulação do documento oficial, da ordem militar, da nota de serviço, das felicitações, dos votos, das trocas de novidades, etc. (BRAIT, 2014, 89)

Como se percebe, a questão do *estilo* para a teoria bakhtiniana vai além de aspectos puramente linguísticos, tais como a organização dos elementos verbais. Para Bakhtin, o *estilo* de um gênero não deve ser separado de aspectos históricos, culturais e da especificidade de determinada situação comunicativa. Assim, o *estilo* não está presente puramente no indivíduo que produz certo gênero, mas também na relação desse indivíduo com os receptores do seu discurso, no contexto comunicativo e na esfera de circulação do gênero produzido. Ou melhor, o *estilo* de um gênero não se faz somente pelo produtor (embora este deixe marcas individuais no seu discurso), mas por todo o contexto no qual determinado gênero está inserido. A esse respeito, o texto *Discurso na vida e discurso na arte – sobre poética sociológica* dispara a afirmação de que o estilo é o resultado da interação de pelo menos duas pessoas: o falante e o ouvinte, isto é, o ouvinte e “uma pessoa mais seu grupo social na forma do seu representante autorizado” (VOLOCHÍNOV, 2013). Na concepção bakhtiniana, *estilo* é fruto de um processo de interação, ou seja, da relação que se estabelece entre uma pessoa e seu grupo social. Desse modo, o estilo não é imposto pelo indivíduo, mas surgido a partir de uma situação de interação. Enfim, o estilo do discurso surge da relação entre eu/outro/contexto extraverbal.

Em sentido *lato*, *estilo* define-se como aparência ou forma artística, como modo individual, próprio de expressão, seja pela fala ou pela escrita. Porém, em linguística, define-se como:

Lato sensu, a maneira típica por que nos exprimimos linguisticamente, individualizando-nos em função da nossa linguagem. O estilo é, principalmente, importante na linguagem literária, porque aí os processos estilísticos se acham a serviço de uma psique mais rica e especialmente educada para o objetivo de exteriorizar-se. (CÂMARA JR., 1999, p. 110-111)

Nessa perspectiva, o estilo é a expressão da subjetividade, do sujeito centrado em si. Esse é o ponto de vista adotado pela Estilística alemã à qual Bakhtin e o Círculo se opõem. Na concepção bakhtiniana, *estilo* deixa de ser manifestação da subjetividade para ser fruto de um processo dialógico. Volochínov comenta:

“O estilo é o homem”, e nós podemos dizer: o estilo são pelo menos dois homens ou, mais exatamente, é o homem e seu grupo social na pessoa de seu representante ativo – o ouvinte, que é o participante permanente do discurso interno e externo do homem. (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 97)

Bakhtin, em *O autor e o herói na atividade estética*, comenta a forma como o autor elabora seu estilo no romance, considerando a relação entre o autor, o protagonista e o material. Portanto, distancia-se da visão estática do estilo centrado na inspiração subjetiva. Assim se manifesta:

Chamamos estilo a unidade constituída pelos procedimentos empregados para dar forma e acabamento ao herói e ao seu mundo e pelos recursos, determinados por esses procedimentos, empregados para elaborar e adaptar (para superar de modo imanente) um material. (BAKHTIN, 1992, p. 215)

O autor molda seu herói a partir das relações que mantém com seu ouvinte e, como este possui diferentes perfis, o autor constrói seu discurso de modo a atender seus propósitos comunicativos de maneira eficaz. Assim, dessa relação dialógica entre autor/herói e ouvinte advém o *estilo*. Deve-se esclarecer que o conceito de herói para Bakhtin não se refere somente à personagem literária, mas também ao tópico ou tema apresentado num enunciado. Portanto, o *estilo* de um enunciado é elaborado em função do tema que o autor aborda, que seria o “herói”, termo genérico empregado na tradução do russo para o português. Bakhtin considera o estilo como resultado de duas necessidades: a expressão do sujeito enunciador e as exigências da natureza genérica do enunciado, ou seja, a forma de expressão do eu enunciador e as coerções estilísticas do próprio gênero. Há gêneros que permitem maior inflexão do sujeito como o poético, o opinativo e outros mais técnicos que exigem neutralidade expressiva do sujeito, como os ofícios, as cartas comerciais. Por isso, o *estilo* pode ser individual ou genérico. O individual diz respeito às especificidades do falante como entonação e marcas

discursivas que resultam da sua visão de mundo e de sua proposta comunicativa. O genérico refere-se à presença de elementos comuns nos discursos de determinadas esferas.

Semelhante ocorre com o gênero capa de revista. Isto é, há o estilo genérico presente em todos os textos desse gênero, o que faz o leitor reconhecê-lo como capa de revista e não outro. Entretanto, em cada revista há especificidades, isto é, marcas de seu estilo individual.

Atenção especial também deve ser dada à construção composicional dos gêneros do discurso. Esta é a organização do gênero, isto é, cada elemento constituinte do texto organizado de modo planejado para a construção do sentido. Assim, a forma composicional da capa de uma revista, por exemplo, segue padrões padronizados para esse gênero, o que a faz ser reconhecida como tal. Cada gênero, portanto, além de seu conteúdo temático e de seu estilo, possui uma estrutura *relativamente estável*, ou seja, apresenta uma forma composicional típica do gênero. Assim, todas as capas de revista apresentam, basicamente, a mesma estrutura composicional, pois pertencem ao mesmo gênero, mas nem todas apresentarão o mesmo conteúdo temático ou o mesmo estilo, pois disso dependerá outros aspectos pertencentes à sua produção, tais como público alvo, produtor, intenção comunicativa, dentre outros. A *forma composicional* dos gêneros associa-se à organização textual em um mesmo espaço enunciativo (materialidade linguística do gênero) dos elementos verbais e (áudio)visuais frutos de um projeto discursivo do enunciador. Assim, devem ser levados em consideração não só o encadeamento entre as frases mas as grandes partes que compõem o todo do enunciado. Por isso, os gêneros do discurso devem ser considerados sob uma perspectiva linguística. Entretanto, a *forma composicional* dos gêneros não é composta somente por esses elementos, mas também por elementos extraverbais que permeiam o contexto de produção. Assim, a finalidade do gênero, o tema, o estilo genérico e individual, o destinatário, o contexto real de produção, dentre outros aspectos influenciam na construção composicional dos gêneros. Daí ser *relativamente estável* a forma composicional dos gêneros, isto é, embora possa apresentar traços genéricos, a construção composicional pode sofrer matizes oriundos das especificidades de cada situação comunicativa.

Além do conteúdo temático, estilo e forma composicional dos gêneros discursivos, deve-se ressaltar o tom valorativo presente nos gêneros. Assim, ao produzir um enunciado,

tanto a escolha das palavras quanto a entoação dada a elas revelam o tom valorativo do produtor. Desse modo, ao serem empregadas na construção de determinado gênero, as palavras deixam de possuir apenas significados lexicográficos neutros, isto é, significados dicionarizados, mas sim sentidos contextuais específicos de certa situação comunicativa. “Neste caso, a palavra atua como expressão de certa posição valorativa do homem individual (de alguém dotado de autoridade, do escritor, cientista, pai, mãe, amigo, mestre, etc.)” (BAKHTIN, 2011, p. 294). O tom valorativo se forma a partir da interação constante com os enunciados individuais dos outros. Assim, o produtor de determinado discurso não está neutro das influências dos discursos dos outros, visto que seu discurso pertence à cadeia discursiva e funciona como resposta aos discursos alheios. Desse modo, o significado das palavras de um discurso nunca será neutro, com significado em estado de dicionário, mas sim carregado do tom valorativo dos discursos dos outros que foram assimilados e reelaborados ao longo das contínuas interações. A esse respeito, comenta Bakhtin:

Desse modo, a expressividade de determinadas palavras não é uma propriedade da própria palavra como unidade da língua e não decorre imediatamente do significado dessas palavras; essa expressão ou é uma expressão típica de gênero, ou um eco de uma expressão individual alheia, que torna a palavra uma espécie de representante da plenitude do enunciado do outro como posição valorativa determinada. (BAKHTIN, 2011, p. 295)

Como se percebe, todo gênero discursivo não está isolado e, portanto, totalmente isento de tom valorativo. Assim, um discurso totalmente objetivo e neutro de expressividade torna-se impossível. Pode haver gêneros menos subjetivos, mas não totalmente isentos de valoração e subjetividade. Isso porque o produtor nunca está sozinho na denominada cadeia discursiva, ele sempre imprime a seu discurso, além de suas próprias marcas, o tom valorativo do discurso de outros que foram assimilados no decorrer de suas interações com outros enunciados.

Por fim, deve-se levar em consideração mais uma característica dos gêneros discursivos: sua riqueza e diversidade que decorrem das inesgotáveis realizações comunicativas nos mais diferentes contextos. Isso faz com que os gêneros se tornem infinitos, pois infinitas são as possibilidades de suas manifestações na atividade humana. Bakhtin afirma:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2011, p. 262)

A partir disso, torna-se evidente a heterogeneidade dos gêneros do discurso tanto orais quanto escritos (simples e complexos) nas manifestações humanas. Por isso, um trabalho com diferentes textos deve contemplar não só aspectos linguísticos, mas sim diferentes categorias bakhtinianas como estilo, enunciado, enunciado concreto, ideologia, signo ideológico, conteúdo temático, construção composicional, gêneros discursivos, dentre outros. Isso porque o estudo dos gêneros não envolve apenas o texto em si, mas todo o contexto extraverbal desse gênero. Daí a importância do retorno à teoria bakhtiniana antes do trabalho com gêneros discursivos.

2. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

A partir dos conceitos fundacionais da teoria bakhtiniana, propõe-se a análise do enunciado concreto da capa da revista *Veja*, edição especial 2.244, ano 47, nº 17 de 24/03/2014. A partir desse gênero – capa de revista -, analisa-se a presença dos principais conceitos bakhtinianos, tais como *enunciado/enunciado concreto/enunciação*, *signo ideológico*, *conteúdo temático*, *estilo* e *forma composicional*. Para isso, os procedimentos metodológicos observaram (i) a descrição da organização do projeto gráfico da revista, (ii) as relações dialógicas estabelecida entre o enunciado da capa com outros enunciados, (iii) a presença de signos ideológicos no gênero, (iv) o conteúdo temático, o estilo e a forma composicional do gênero e (v) o posicionamento da revista frente aos fatos noticiados. Os procedimentos de análise empregados foram estudados levando em consideração os aspectos qualitativos, bem como a aplicação da teoria dialógica na análise do gênero discursivo capa de revista, não mencionado por Bakhtin e pelos membros do Círculo, mas cuja teoria pode ser aplicada a todos os gêneros da esfera midiática, não só os literários.

3. ANÁLISE DO CORPUS

Publicada pela Editora Abril, *Veja* é uma revista brasileira semanal publicada às quartas-feiras. Trata de temas nacionais e globais variados e possui linha editorial alinhada à direita. Em sua edição especial de 24/03/2014, *Veja* apresenta como tema o escândalo Pasadena. Este se refere à compra, pelo governo brasileiro, da refinaria de Pasadena, no Texas, EUA, em 2006. O caso gerou suspeitas de superfaturamento e de desvios de divisas. Obteve repercussão porque a autorização do negócio foi dada por Dilma Rousseff, na época presidente do Conselho de Administração da Petrobras. O negócio iniciou-se em 2006, mas as suspeitas de irregularidades ocorreram em 2012, após o interesse dos órgãos de fiscalização. O caso ganhou interesse da mídia sendo abordado sob diferentes perspectivas. Contudo, neste trabalho, é analisada a perspectiva da revista *Veja*. Observe-se a capa da revista em estudo.



Figura 1. Revista *Veja*, Edição Especial 2.244, ano 47, nº 17 de 24/03/2014

O gênero discursivo capa de revista pertence às esferas jornalística e publicitária. Jornalística porque aborda temas atuais e abrangentes. Publicitária porque objetiva persuadir o leitor a adquirir o produto. Além disso, é um gênero verbo-visual que apresenta interação entre seus constituintes. Brait afirma:

A primeira coisa que se deve considerar é que esse é um enunciado verbo-visual e, portanto, imagens (cores, figuras, lugar que ocupam no espaço enunciativo etc.) e sequências verbais estão inteiramente articuladas, interatuantes, a partir de um projeto “gráfico”, de um projeto discursivo. (BRAIT, 2013, p. 72)

O gênero apresenta linguagem verbal e visual. A capa é constituída por duas imagens de relevância diferente: uma situada na margem superior e outra no centro da capa. Esta última representa Dilma Rousseff com as mãos para cima, usando o uniforme da empresa

Petrobras e imersa em um líquido negro, além de apresentar pano de fundo degradê: um fundo negro tornando-se mais claro até o aparecimento da cor azul. Já a imagem superior representa um tanque de guerra e várias pessoas ao redor. Na linguagem verbal, encontram-se as sequências verbais O QUE ERA SOLUÇÃO VIROU PROBLEMA, em letras maiúsculas e destacadas e o trecho *Dilma fez (quase) tudo certo no caso Pasadena, mas o aparelhamento da Petrobras está levando a presidente a sofrer até por suas virtudes*, em letras minúsculas e abaixo da sequência anterior. O nome da revista é escrito com letras na cor azul clara e contornadas de branco. Na parte superior, encontram-se os enunciados *ESPECIAL 1964*, em letras maiúsculas e na cor laranja seguido do trecho *44 páginas* escrito em letras minúsculas e em cores claras. Logo abaixo, o enunciado verbal *31 de março, o dia que mudou o Brasil*, em letras minúsculas e na cor branca.

Ao conjunto de elementos da superfície textual dá-se o nome de *enunciado concreto*. Este se encontra em todos os gêneros discursivos, pois é o responsável por veicular informações que se relacionam com o contexto social, respondendo a ele. Entretanto, organiza-se diferentemente em cada gênero. Nas capas de revistas, o enunciado concreto apresenta características comuns a todos os textos desse gênero e traços específicos de cada revista. A este último, corresponde o estilo individual; ao primeiro, o estilo genérico. Além disso, esse *enunciado concreto* mantém relações dialógicas com outros enunciados anteriores a ele. Não é, portanto, um enunciado inédito. Embora sendo único e irrepetível, esse enunciado é fruto de aspectos históricos e sociais, de opiniões e de um posicionamento. Esses aspectos fazem com que o estilo e o “tom valorativo” da equipe editorial da revista manifestem-se no enunciado. Daí não existir enunciado neutro, sem marcas discursivas da ideologia do enunciadador/produzidor. São essas relações dialógicas estabelecidas entre o *enunciado concreto* da capa da revista com outros enunciados anteriores e posteriores a ele que resultam no estilo e no posicionamento da revista. A edição especial da revista *Veja* de 24/03/2014 estabelece relações dialógicas com outros enunciados sobre a crise do petróleo no governo Dilma. Assim, o *enunciado concreto* da capa da revista em estudo pertence ao *continuum* discursivo. Por isso, se a capa da revista fosse interpretada sem levar em consideração as relações dialógicas que estabelece com enunciados precedentes e posteriores, não apresentaria sentido ou conteúdo temático compreensível. Seria apenas um conjunto de sinais gráficos resultantes de uma organização gráfica. Entretanto, as relações dialógicas entre os elementos pertencentes ao

enunciado concreto da capa, relacionados ao contexto extraverbal tornam o enunciado repleto de sentidos. Os sinais gráficos tornam-se signos carregados de sentidos e de ideologia. Transformam-se, portanto, em *signos ideológicos*.

Como todo gênero midiático, a revista *Veja* possui público-alvo determinado. Assim, a organização verbo-visual do enunciado concreto decorre de um projeto gráfico tendo em vista uma interpretação dos fatos noticiados. Sob esse aspecto, a imparcialidade informativa é ilusória, pois o enunciado concreto expressa o posicionamento ideológico da empresa. Assim, a cor de cada letra, o tamanho da fonte empregada, a cor das imagens são carregadas de significados contextuais e simbólicos. A *ideologia* da empresa apresenta-se por meio dos signos empregados no enunciado. Nessa capa, o conteúdo temático, a forma composicional e o estilo revelam aspectos importantes para a compreensão do gênero. Todos os elementos sígnicos relacionam-se diretamente a um tema: o escândalo de Pasadena no qual a atual presidente da república, Dilma Rousseff, é apresentada como envolvida. Assim, cada elemento presente na capa refere-se não só ao objeto em si, mas sim a todo um contexto de corrupção e fraude. A imagem da presidente, portanto, revela não só informações como “Dilma Rousseff, presidente do Brasil, envolvida em escândalo”, mas sim uma presidente cuja imagem política encontra-se manchada pela corrupção. Esse tema só pode ser apreendido pelo fato de o contexto de veiculação da capa dessa revista decorrer de um contexto político conturbado.

Importante mencionar que a capa da revista apresenta um estilo individual da empresa. As cores que preenchem o nome da revista, o destaque à imagem da presidente sob ângulo inferiorizado, enfim, deixam entrever as características e o estilo de fazer notícia da revista. Deve-se destacar que a revista *Veja*, em cada edição, apresenta cores diferentes no preenchimento do seu nome. Na edição em estudo, empregou-se a cor azul clara. Tal escolha não deixa de ser intencional, já que atribui à revista uma postura equilibrada, uma aparente imparcialidade perante os fatos noticiados. Enfim, a empresa procura evitar um posicionamento tendencioso. Tais características revelam o estilo da capa em estudo. Contudo, esse estilo pode ser flexível, isto é, tanto as capas anteriores quanto as posteriores dessa mesma revista podem apresentar nuances de estilos diferenciados, porém sem fugir ao estilo genérico característico de toda capa de revista, independente da empresa de comunicação responsável. No que diz respeito à forma composicional da capa, esta organiza-se de modo a

enfraquecer a imagem da presidente, colocando-a sob um ângulo inferiorizado, além de relacioná-la com o regime militar. Tudo isso revela um estilo de fazer notícia da revista, um estilo de provocar impacto no público e de fazer política. Assim, embora o gênero capa de revista possua um estilo característico de todos os textos desse gênero (o estilo genérico), possui também um estilo individual típico da revista *Veja*. Tal estilo individual manifesta-se por meio das cores escolhidas, do projeto gráfico de disposição das imagens e dos elementos verbais, da combinação desses elementos e do tom valorativo impresso pela equipe editorial da revista e concretizados pela forma composicional do gênero.

O *enunciado/enunciado concreto/enunciação* da revista apresenta uma combinação de elementos conhecidos pelo público leitor, isto é, a presidente, o uniforme remetendo à estatal brasileira, as relações passadas da presidente com o regime militar, o petróleo e os enunciados verbais referindo-se às imagens veiculadas na capa. Entretanto, esses enunciados verbo-visuais remetem não só ao significado de cada instrumento em si (o uniforme, a função de presidente, etc.), mas também a significados contextuais. Essa relação do *enunciado concreto* com o *contexto extraverbal* faz depreender o *conteúdo temático* do gênero. Este se refere a um contexto de crise político-econômica do país, especificamente, à crise do petróleo. Assim, o leitor presumido, por conhecer o contexto extraverbal, constrói sentidos sobre as imagens e enunciados verbais da capa da revista. A linguagem verbo-visual da capa da revista apresenta *signos* carregados de efeitos de sentidos valorativos. Tais sentidos são veiculados pela empresa de comunicação responsável pela revista. Entretanto, a maneira de veiculação desse posicionamento é realizado de modo discreto. Assim, a organização do projeto gráfico da capa, isto é, a seleção das imagens, a cor empregada, o formato das letras, o destaque de determinada figura, dentre outros são fatores que indicam o posicionamento da revista. Esta, por meio de um projeto artístico, construiu a capa de acordo com sua ideologia e seu posicionamento a respeito dos fatos a serem noticiados. Segundo Bakhtin/Voloshinov (2014), “toda imagem artístico-simbólica ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico.” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 31).

Como se percebe, deve-se interpretar o gênero capa de revista como dotado de signos ideológicos. Assim, a posição dos títulos ou manchetes estão estrategicamente distribuídos de modo a estabelecer relações dialógicas entre eles. A distribuição do texto na página não é

aleatória, segundo Dondis (2003), assim como a fotografia alterada da presidente pelos recursos do Photoshop no centro da página é reveladora do tom valorativo da revista. Vestida com uma roupa vermelho-alaranjada, com respingos do líquido negro no qual parece estar submergindo, os braços levantados num aceno que tanto pode ser de pedido de socorro como de um gesto que procura negar seu envolvimento nesse cenário escuro, expressam o tom valorativo da equipe de produção. O vermelho, cor do partido da presidente, esmaecido em seu traje, parece representar um posicionamento ideológico enfraquecido. Isto porque, o lema do partido sempre foi a ética, e a corrupção que implode no governo representa a sua negação. Entretanto, não há uma acusação explícita a sua imagem, mas uma sugestão sutil pela forma como as cores estão articuladas. O significado das cores, segundo Guimarães (2004), só pode ser interpretado no conjunto do enunciado, ou seja, é preciso estabelecer relações dialógicas entre as formas composicionais que compõem o enunciado. Assim, o negro de base que serve como pano de fundo para o cenário em que se encontra a presidente, vai se tornando azulado em degradê. Além disso, a manchete evita o comprometimento interpretativo, colocada abaixo da imagem, não menciona diretamente a presidente, apenas sugere: “O QUE ERA SOLUÇÃO VIROU PROBLEMA”, em letras maiúsculas e destacadas do negro pela cor branca em que estão preenchidas. Além disso, o trecho “Dilma fez (quase) tudo certo no caso Pasadena, mas o aparelhamento da Petrobras está levando a presidente a sofrer até por suas virtudes”, procura atenuar o grau de acusação que a imagem sugere.

Assim, a cor das imagens, o tamanho das fontes, etc. estão carregados de sentidos. Portanto, a equipe de produção da revista em estudo não só distribuiu duas imagens aludindo a diferentes períodos políticos da história brasileira, mas também propiciou um diálogo entre essas imagens. A imagem de Dilma Rousseff não só alude à estatal brasileira e ao petróleo, mas relaciona Dilma ao caso Pasadena e ao regime militar, período no qual atuou em movimentos contrários à ditadura. Ao ser apresentada sob ângulo desfavorável porque parece estar sendo tragada pelo líquido negro representando o petróleo, a revista transmite, explicitamente, impotência à imagem de Dilma. Ainda na imagem central, tem-se outra referência: antes de seu governo, a Petrobras valia o dobro; ou seja, Dilma “afundou” parte do patrimônio da empresa. No que se refere à relação dialógica de sentido entre a imagem central e superior, a revista proporciona a seguinte reflexão: embora participando de movimentos contrários à

ditadura, ao assumir a presidência, Dilma apresenta-se vinculada a contextos políticos polêmicos e negativos para o país.

Entretanto, o enunciado concreto suaviza a imagem política de Dilma. Revelam isso as cores de fundo da imagem central. Ou seja, enquanto o fundo negro representa o problema, o fundo azul representa o equilíbrio, a solução. Assim, a revista aborda o assunto de modo menos agressivo, conforme o enunciado *Dilma fez (quase) tudo certo no caso Pasadena, mas o aparelhamento da Petrobras está levando a presidente a sofrer até por suas virtudes*, em que a preocupação não é culpar Dilma, como se percebe pelo uso da palavra “quase”, mas ressaltar suas virtudes (“... *mas o aparelhamento da Petrobras está levando a presidente a sofrer até por suas virtudes*”). Contudo, a palavra *virtudes* apresenta tom irônico pelo confronto de duas situações: a revista procura não evidenciar seu posicionamento, mas o tom valorativo impresso na imagem e nas cores sombrias revela o posicionamento adotado pela empresa. Assim, o posicionamento ideológico da revista relaciona Dilma Rousseff ao escândalo de Pasadena, mas interpretar Dilma como culpada ou não cabe ao leitor. A revista responde a um público intelectualizado, classe média alta e média, que apresenta um posicionamento afinado com o da revista. Como o enunciado na perspectiva bakhtiniana é constituído pelo enunciador em diálogo com o leitor presumido, o enunciado de capa procura dialogar com esse leitor, respondendo a sua expectativa. Entretanto, o enunciado nesse viés ideológico acaba conduzindo à interpretação dos fatos noticiados nas reportagens internas na perspectiva dos interesses da empresa. Além disso, ao suavizar a imagem política da presidente, a revista procura isentar-se verbalmente desse julgamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após este breve comentário analítico da capa da revista *Veja*, é possível concluir que as análises das capas de revistas devem ir além do estudo da materialidade linguística apenas, devendo considerar as relações dialógicas mantidas com o contexto social. Além disso, uma leitura atenta do gênero permite a identificação do conteúdo temático, da forma composicional e do estilo na constituição de sentido. Saliente-se que os conceitos bakhtinianos podem ser aplicados não só em textos literários, mas também em textos midiáticos, embora Bakhtin e os membros do Círculo não tenham realizado nenhum estudo sobre os gêneros da

esfera midiática nem da linguagem visual. Daí o caráter atual da teoria dialógica da linguagem para o estudo dos gêneros discursivos de outras esferas que não a literária. Desse modo, o estudo baseado na teoria bakhtiniana permite considerar aspectos além do nível linguístico. Assim, os elementos que constituem os gêneros tornam-se importantes na constituição do sentido e nas relações dialógicas que tais enunciados mantêm com o contexto social, como a análise dessa capa de revista demonstrou.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **A estética da criação verbal**. (Trad. Maria Ermantina G. G. Pereira). São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Estética da criação verbal**. (Trad. Paulo Bezerra). 6.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. **Para uma filosofia do ato responsável**. (Trad. Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco). São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BRAIT, Beth. Estilo. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2013. pp.79-102

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/ enunciação. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2013. pp. 61-78

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de Linguística e Gramática**. 20.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

CEREJA, William. Significação e tema. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2014. pp. 201-220

DONDIS, D. **Sintaxe da linguagem visual**. (Trad. Jefferson Luiz Camargo). São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GUIMARÃES, L. **A cor como informação: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores**. 3.ed. São Paulo: Annablume, 2004.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2014. pp. 151-166

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. (Trad. Sheila Camargo Grillo e Ekaterina V. Américo). São Paulo: Contexto, 2012.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2013. pp. 167-176

PUZZO, Miriam Bauab. A linguagem verbo-visual das capas de revista e os implícitos na constituição de sentido. **Revista Intercâmbio**, volume XX: 125-138, 2009. São Paulo: LAEL/PUC-SP. ISSN 1806-275x

VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção do enunciação e outros ensaios**. (Trad. João Wanderley Geraldi). São Carlos: Pedro & João, 2013.

Miriam Bauab PUZZO

Possui graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de São José do Rio Preto (1967), graduação em Pedagogia pela Universidade do Vale do Paraíba (1973), mestrado em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (1997) e doutorado em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2004), pós-doutorado em Linguística na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2008). Atualmente é professor titular da Universidade de Taubaté, vinculado ao programa de Mestrado em Linguística Aplicada.

Edmilson Arlindo LACERDA

Graduado em Letras pelo Centro Universitário de Barra Mansa (UBM). Pós-graduado em Língua Portuguesa pelo Centro Universitário de Barra Mansa (UBM). Mestrando em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté (UNITAU). Experiência na área de Letras com ênfase na área de concentração de língua materna. Atua na linha de pesquisa sobre a linguagem verbo-visual das mídias como subsídio para a formação de professores